

AGRADECIMENTOS

Galeria 111, Gustavo Sumpta e Victoria Molder.

ADRIANA MOLDER

Torreão Nascente
da Cordoaria Nacional (piso 1)

GALERIAS MUNICIPAIS –
TORREÃO NASCENTE DA CORDOARIA NACIONAL
Avenida da Índia, 1300-299 Lisboa

Terça-feira a Domingo: 10h-13h e 14h-18h
Entrada livre

Visitas guiadas por marcação
mediacao@galeriasmunicipais.pt

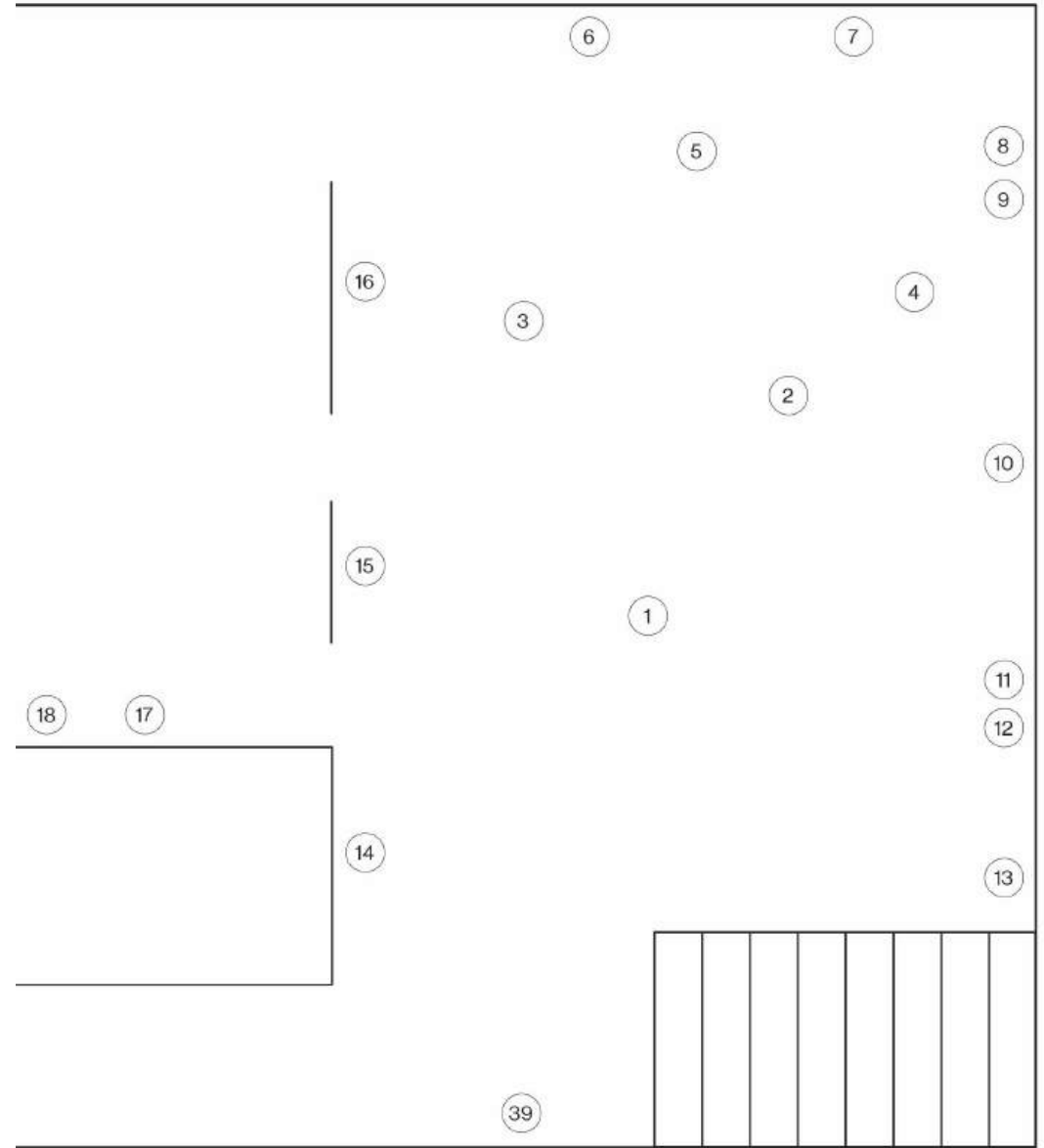
www.galeriasmunicipais.pt

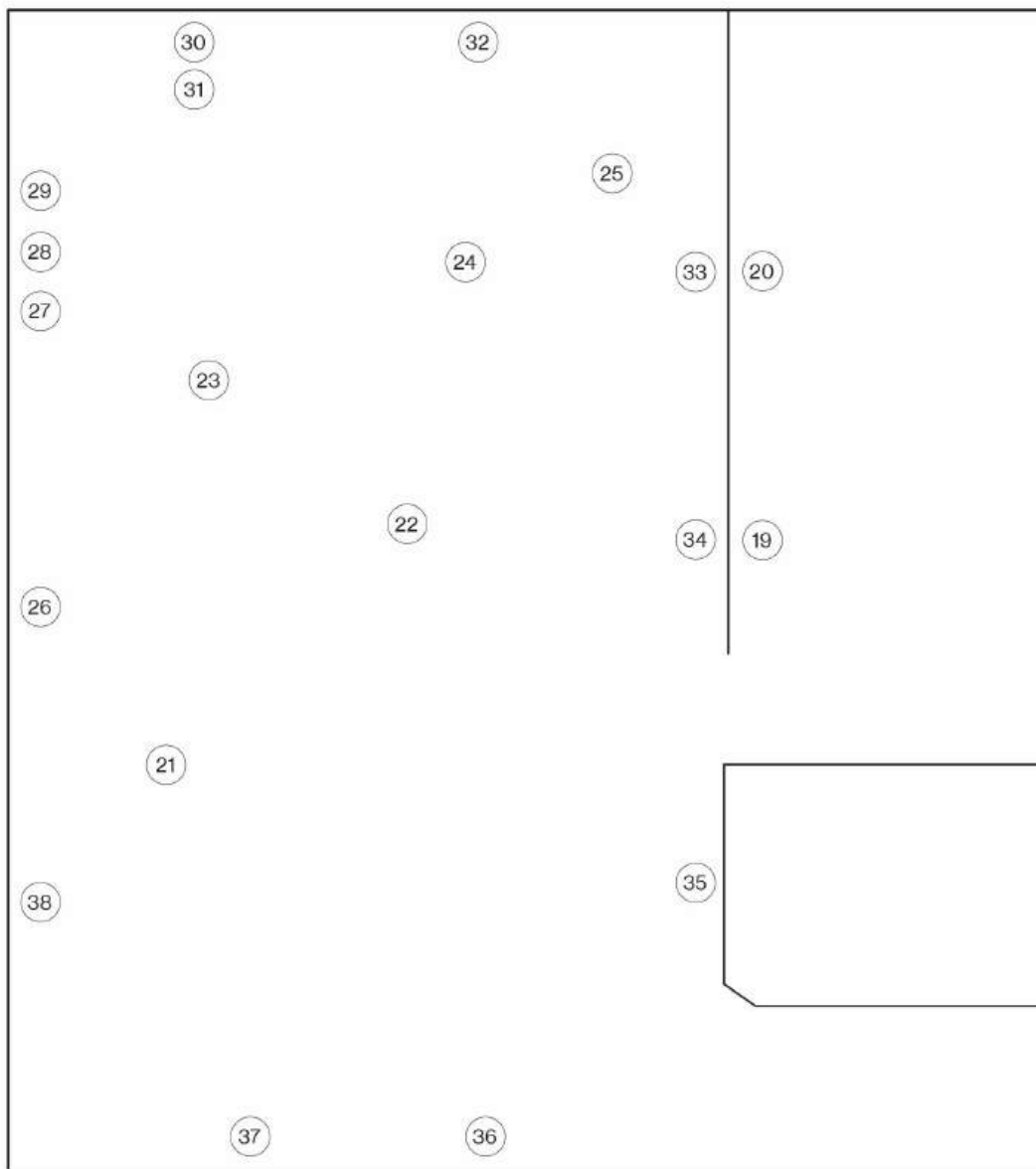
Curadoria
Nuno Crespo

07.02-
04.05.2025

SEM
TÍTULO.

ROSTOS,
CORPOS E
SOMBRAS.





Se, entretanto, o rosto se revelou como máscara, então já não podia desenhá-lo, porque debaixo dela já nada havia (a não ser o crânio nu). Só um escultor conseguiria retirar a máscara de um rosto. Mas, para isso, tinha primeiro de encontrar um rosto.

Hans Belting sobre o canto de adeus ao rosto escrito por Rilke, *O rosto e a máscara*, in *Faces*, uma história do rosto, p.136

700 vezes maior que o Sol, 10 mil vezes mais luminosa que o Sol, localizada a 550 anos-luz da terra na constelação de Escorpião, Antares é uma das estrelas mais luminosas e das maiores de que temos conhecimento. Com um brilho intenso e uma cor avermelhada, na astrologia, esta superestrela está associada à força e à coragem e, para os antigos egípcios, era a guardiã do céu.

O título *Antares* para a exposição de Adriana Molder surge não por nela se tratar de coisas de estrelas, mas pela maneira como a metáfora cosmológica serve para estabelecer relações entre os diferentes seres que habitam as cinco séries de trabalhos aqui reunidas.

Com tempos muito distintos (os trabalhos mais antigos datam de 1998) e com uma amplitude de referências extensa, esta exposição assinala uma transformação do modo como esta artista constrói as *personas* dos seus desenhos e pinturas. Mas também mostra a maneira como o seu processo de pesquisa se tem vindo a transformar e a ganhar novas configurações e formulações, como, por exemplo, dos seus desenhos sobre papel nasce a vídeo-performance de *Serpentina* ou as pinturas-objecto-escultura de *Antares* em que a artista usa tela e pastel de óleo e já não o habitual papel esquisso e tinta-da-china.

Ainda que haja muitos ecos de outros tempos a que artista voltou para construir esta exposição, todas as séries são inéditas: *Aleph*, *Antares*, *Serpentina* e *Sombras*. Conjuntos de obras independentes, mas que estabelecem entre elas relações de proximidade e familiaridade.

Em *Aleph*, a artista inspira-se em figuras como Colette, Madonna, Marilyn, mas também em desenhos seus mais antigos, provocando um encontro muito eclético de figuras, rostos e corpos. Mas o que surpreende neste conjunto de seis obras é a maneira como os retratos assumem volumes e uma dimensão tridimensional através da moldagem e recorte das pinturas em formas irregulares e orgânicas. Esta técnica de moldar e recortar a tela depois de pintada com pastel de óleo permite um contraste intenso com a planificação dos desenhos sobre papel. As figuras antes inscritas na bidimensionalidade do papel ganham aqui uma outra expressão

física conquistando volumetria e profundidade física; o facto de estarem suspensas e poderem ser vistas de múltiplos pontos de vista permite que estas obras, ao abandonarem o plano da parede, conquistem uma expressão espacial muito acentuada. Corpos e rostos suspensos que se olham, mas também olham para nós e, assim, intensificam a sua presença transformando o espaço.

Dar corpo e suspender estes trabalhos expressa não só a transformação do fazer de Adriana Molder, e da sua pesquisa de retratista, como também do modo como compreende o espaço expositivo: abandonar a parede e colocar volumes suspensos na sala expositiva implica o desenvolvimento e transformação da concepção instalativa que a artista desenvolveu desde cedo no seu trabalho (recorde-se uma das suas exposições iniciais, *Câmara de Gelo*, 2001). Se o seu gesto mais habitual era criar condições para que cada desenho fosse visto, experimentado, percebido com o menor número possível de intromissões, agora há uma ideia de atmosfera que a artista procura construir através de um muito cuidadoso esquema de montagem. Não se trata de cenografia ou da criação de efeitos especiais, mas de acentuar o movimento, a organicidade, a volumetria, a corporeidade e tornar expresso o ambiente – a atmosfera – que cada uma das *personas* desenhada por Adriana Molder possui em seu redor.

Tudo se passa como se, através de um gesto intenso e mágico, a artista tentasse retirar as personagens do interior dos seus desenhos e as fizesse habitar no mesmo plano que os nossos corpos. A maneira como os desenhos deambulam e ocupam o espaço permite não só esse face a face com as pessoas dos desenhos, mas também a possibilidade de serem vistas do avesso permite a estas pinturas-esculturas mostrar as suas sombras. A questão da sombra, aquele elemento substancial mas incorpóreo de todos os corpos, é decisiva na maneira como estes desenhos se apresentam. E é interessante perceber nessa relação a presença de uma tensão (determinante no trabalho de Molder) entre aquilo que pode desenhar, pintar e moldar de um corpo e aquilo que foge a todas essas tentativas de captura e fixação: as sombras. Uma das séries nesta exposição tem precisamente o título *Sombras*. Desenhos que retomam a tinta-da-china sobre papel esquisso e, através de um jogo de manchas, sugerem corpos não directamente, mas a partir das suas sombras.

Se a série de trabalhos que dá nome a esta exposição é especialmente intensa na maneira como desenvolve um certo pensamento instalativo e de relação com as pinturas (abandono do plano da parede, abandono da bidimensionalidade acentuando as profundidades de cada trabalho, o gesto instalativo através do qual a artista cria uma atmosfera

27

Sombra V, 2024

Tinta-da-china sobre papel esquisso,
209×155 cm

28

Sombra VI, 2024

Tinta-da-china sobre papel esquisso,
202×146 cm

29

Sombra I, 2024

Tinta-da-china sobre papel esquisso,
186×150 cm

30

Dois

da série *ANTARES*, 2024
Pastel de óleo sobre tela moldada e cordão
de couro, 139×194×25 cm

31

Sombra IV, 2024

Tinta-da-china sobre papel esquisso,
152×192 cm

32

Sombra III, 2024

Tinta-da-china sobre papel esquisso,
210×167 cm

33

Serpentina

da série *SERPENTINA*, 2022–2023
Tinta-da-china sobre papel esquisso,
198×258 cm

34

Sombra II, 2024

Tinta-da-china sobre papel esquisso,
200×155 cm

35

Vídeo

da série *S/ TÍTULO*, 1998–99
Tinta-da-china e grafite sobre papel
esquisso, 150×200 cm

36

Gary

da série *S/ TÍTULO*, 1998–99
Tinta-da-china e grafite sobre papel
esquisso, 150×100 cm

37

Vampiro

da série *S/ TÍTULO*, 1998
Tinta-da-china e grafite sobre papel
esquisso, 150×100 cm

38

Máscara

da série *S/ TÍTULO*, 1998
Tinta-da-china e grafite sobre papel
esquisso, 75×200 cm

39

O Lua

da série *SERPENTINA*, 2022–2023
Tinta-da-china sobre papel esquisso,
118×118 cm

Todas as obras presentes na exposição são
cortesia da artista.

14

A Vento

da série *SERPENTINA*, 2022–2023
Tinta-da-china sobre papel esquisso,
270×242 cm

15

Salomé

da série *SERPENTINA*, 2022-2023
Tinta-da-china sobre papel esquisso,
273×146 cm

16

Senhora do Unicórnio

da série *SERPENTINA*, 2022-2023
Tinta-da-china sobre papel esquisso,
333×243 cm

17

Cosmos

da série *SERPENTINA*, 2022-2023
Tinta-da-china sobre papel esquisso,
293×198 cm

18

Senhora do Chapéu ou Estranho Caso

da série *SERPENTINA*, 2022-2023
Tinta-da-china sobre papel esquisso,
167×130 cm

19

O Chapéu

da série *SERPENTINA*, 2022-2023
Tinta-da-china sobre papel esquisso montado
em K-line e papel de seda, 63×159 cm

20

Serpentina, 2023

Vídeo HD, som, cor, 17'

21

Pina I

da série *ANTARES*, 2024
Pastel de óleo sobre tela moldada e cordão
de couro, 196×136×17 cm

22

Estrela

da série *ANTARES*, 2024
Pastel de óleo sobre tela moldada e cordão
de couro, 188×142×20 cm

23

O Turbante

da série *ANTARES*, 2024
Pastel de óleo sobre tela moldada e cordão
de couro, 190×140×25 cm

24

Homem Sombra Escudo

da série *ANTARES*, 2024
Pastel de óleo sobre tela moldada e cordão
de couro, 187×132×24 cm

25

Pina II

da série *ANTARES*, 2024
Pastel de óleo sobre tela moldada e cordão
de couro, 200×134×20 cm

26

Cavaleira

da série *SERPENTINA*, 2022–2023
Tinta-da-china sobre papel esquisso,
292×198 cm

especial para as suas obras, etc.), *Antares* caracteriza-se por um diálogo entre corpos. Em vez de figuras isoladas, surgem nesta série seres numa relação que obriga a atenção a ir do corpo isolado para o movimento e energia que se cria entre dois corpos.

Movimento, energia e relação são os elementos-chave da série *Serpentina* através da qual a imagem em movimento na sua relação, diálogo e contaminação com os desenhos e pinturas ganha especial destaque. Importa sublinhar a maneira como este suporte não só permite tornar mais visíveis e perceptíveis certos acontecimentos que já estavam inscritos nos desenhos (por exemplo: o vento a fazer mover o cabelo), mas a maneira como a própria artista salta para dentro da obra e usa o seu corpo, o seu cabelo, os seus gestos e a sua voz como elementos plásticos.

Serpentina, desenvolvida durante uma residência artística de Adriana Molder na Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, é um filme-performance onde simultaneamente as obras da artista são figuras e personagens, mas também elementos cenográficos e acessórios com que a artista interage livremente. Os desenhos desta série são inspirados pelos gravadores do século XV Mestre E.S. e Israhel van Meckenem, e por músicos como Matteo da Perugia e Conan Osiris, e na Salomé de Cranach, que é a personagem principal do filme. Mas estas imagens também se estendem à representação do cosmos de Hildegard von Bingen, a Dürer, a um conto de Hoffman, a imagens de gravuras que artista possuía e à actualização do próprio rosto da artista em quase todos os desenhos, etc. Se estas são as referências que transitam entre os desenhos e o filme, no filme surge a Deusa Minoica das Serpentes, a pintura *As bolas de Sabão* de Manet (1867) e a forte presença de Louise Bourgeois e do seu icónico retrato realizado por Robert Mapplethorpe em 1982. Fotografia esta que é uma espécie de imagem matriz de todo este grupo de obras. O muito icónico e marcante retrato em que a artista segura a sua escultura *Fillette* (1968), um objeto fálico, enquanto faz um sorriso provocador para a câmara.

A escolha da escultura *Fillette* como adereço do seu retrato materializa a maneira como Bourgeois explorou temas como a sexualidade, o género e as dinâmicas familiares, numa obra profundamente enraizada na sua infância conturbada. Ao escolher a obra *Fillette* para a fotografia, Bourgeois provoca um jogo visual através do qual tenta subverter as relações tradicionais de poder entre géneros: a maneira como segura o símbolo fálico convoca a recuperação de uma certa ideia de poder feminino num mundo patriarcal. O título *Fillette* (numa tradução livre para português: “menina”) complica ainda mais as questões provocadas por esta escultura: a artista remete para uma espécie de inocência perdida da adolescência, mas também para esse tempo de provocação, não-conformismo e desafio.

Este retrato é uma referência importante não tanto por ser directa (como existem tantas outras) numa das obras de Adriana Molder: não se reconhece em nenhum dos trabalhos expostos Louise Bourgeois. Mas a sua presença é da ordem da afinidade que Molder possui não com uma obra específica da artista francesa, mas com o seu universo plástico, conceptual e psicológico.

O filme *Serpentina*, com toda a sua energia sensual, plástica, sonora, ensina-nos que o corpo – e neste caso não um corpo qualquer, mas o corpo da artista – é o elemento axial de todas as figuras que esta tem vindo a construir. Se na sua galeria de personagens desenhadas não existe nada como um auto-retrato, o corpo de Molder está lá sempre. Uma presença que acontece através da exigência física que cada obra faz: pintar no chão, dobrada, numa escala grande, com um material que exige rapidez e, simultaneamente, precisão e muita energia física. Mas essa presença talvez também possa ser detectada em alguns daqueles rostos desenhados e pintados: como se cada um deles fosse um alter ego ou desdobramento da artista. Personagens através dos quais a artista se fragmenta e multiplica e com isso aumenta as possibilidades de sentido e de experiência das suas obras. Esta sua presença múltipla e as suspeitas que ela levanta – que no limite a artista não tem feito outra coisa que não representar-se a si mesma através de outros que funcionam como seus prolongamentos e avatares – convida a rever toda a sua obra e a encontrar nela não versões das referências que a artista usa, mas ver como no seu conjunto todas estas figuras compõem uma única *persona* que não é senão a própria artista.

A presença de quatro desenhos feitos entre 1998 e 2000 com os títulos *Gary*, *Vampiro*, *Máscara* e *Vídeo*, não faz da exposição *Antares* uma exposição antológica. Pelo contrário, mostra como a possibilidade da existência de auto-representação nos trabalhos de Adriana Molder implica uma transformação na maneira como entendemos o conjunto das obras que tem vindo a desenvolver. Uma transformação que afecta não só a percepção de cada obra individual, mas também estabelece relações inesperadas entre trabalhos de diferentes épocas.

É como se, para além da sua individualidade, cada um daqueles rostos e corpos pertencesse a uma mesma família e a um mesmo local: um certo ar de família une todos os corpos e todos os rostos, e a maneira como Molder os apresenta inscreve-os numa mesma atmosfera: como se todos participassem de um enorme filme com vários capítulos e cujo fim ainda se desconhece. Como nos típicos *film noir*, de que Adriana Molder tanto gosta, onde há sempre a expectativa de um acontecimento por vir que pressentimos mas não conseguimos inteiramente antever.

1

A Aranha e a Grega

da série *ALEPH*, 2024

Pastel de óleo sobre tela moldada e cordão de couro, 150×170×15 cm

2

Fatin-Madonna

da série *ALEPH*, 2024

Pastel de óleo sobre tela moldada e cordão de couro, 140×100×15 cm

3

Colette

da série *ALEPH*, 2024

Pastel de óleo sobre tela moldada e cordão de couro, 204×132×15 cm

4

Oráculo

da série *ALEPH*, 2024

Pastel de óleo sobre tela moldada e cordão de couro, 123×185×30 cm

5

Marilyn-Romano

da série *ALEPH*, 2024

Pastel de óleo sobre tela moldada e cordão de couro, 215×75×25 cm

6

Sombra IX, 2024

Tinta-da-china sobre papel esquisso, 210×120 cm

7

A Mulher Nua com as Rosas

da série *SERPENTINA*, 2022–2023

Tinta-da-china sobre papel esquisso, 218×167 cm

8

Sombra VIII, 2024

Tinta-da-china sobre papel esquisso, 191×192 cm

9

Sombra XII, 2024

Tinta-da-china sobre papel esquisso, 199×172 cm

10

Sombra VII, 2024

Tinta-da-china sobre papel esquisso, 178×191 cm

11

Aleph

da série *ALEPH*, 2024

Pastel de óleo sobre tela moldada e cordão de couro, 166×114×14 cm

12

Sombra XI, 2024

Tinta-da-china sobre papel esquisso, 165×96 cm

13

Sombra X, 2024

Tinta-da-china sobre papel esquisso, 140×194 cm